

Anno 1.^o

O CAMPEÃO

N.º 4-17

SEMANARIO DE LITTERATURA, CRITICA E DE SPORT

DIRECTORES LITTERARIOS

BENTO IZIDRO
MARIO NEY
J. COSTA BASTO

EDITOR

ALBERTO GOMES COELHO

Conde de Paçõ Vieira



dilecto e sincero, já com a sua palavra quente e fluentissima de primoroso orador, já com a sua honesta e excepcional elevação de caracter, como político e como magistrado, os velocipedistas portugueses e em especial o Real Velo Club do Porto deve-lhe outro tanto ou mais ainda pelo desenvolvimento e progresso da velocipedia no nosso paiz.

Enthusiasta sincero d'este util e recreativo ramo de sport, o ex.^{mo} Conde de Paçõ Vieira, foi eleito presidente da direcção do Real Velo Club do Porto em 1893, sendo reeleito até 1896, dedicando a esta florentissima e distincta agremiação toda a energia indomavel da sua alma diamantina, a firmeza inexcedivel do seu caracter e a serena bondade do seu animo, fazendo-a progredir tanto e tanto que é ainda hoje a unica, no nosso paiz, que se impõe pela vitalidade e que se rodeia de gentileza.

Abandonando o seu cargo em 1896 por lh'o impedirem os seus muitos affazeres, pois que foi nomeado juiz das execuções fiscaes, logo depois eleito deputado pela Covilhã e em seguida nomeado Governador Civil da Ponta Delgada, deizou o grato reconhecimento do seu valioso prestigio no coração de cada um dos associados que bem lh'o demonstraram no banquete de despedida.

E' que o ex.^{mo} Conde de Paçõ Vieira com o seu caracter lhano e affavel impoz a sua extrema sympathia e legou ao Real Velo Club do Porto a magestade da sua dedicação, porque foi na sua digna gerencia e devido aos seus esforços que foi concedido o privilegio do Real Velo Club, que se construiu o magnifico e esplendoroso velodromo D. Amelia, que se realisaram as primeiras corridas internacionaes em Portugal e que, devido á sua iniciativa, se realisou a mais imponente e distincta festa, com uma kermesse no velodromo, em favor da fundação do Dispensario, essa obra gigantesca de caridade.

Proclama ainda o seu alto valor— a sua qualidade de benemerito— a entrever uma das mais distinctas e sympathicas individualidades do nosso tempo.

E se isso nos vem abalar n'um estremecimento de alegria, muito mais nos abala a individualidade do ex.^{mo} Conde de Paçõ Vieira na sua imparcialidade austera de magistrado, revoltando-se ainda ha bem pouco tempo contra a perseguição d'um digno

e recto juiz que a politica indigna menosprezou e offuscou do brilho da sua carreira, até que breve, muito breve, uns fios de luz alvissima de justiça a taça brilhar de novo em todo o seu esplendor.

Em tudo se patenteia, o ex.^{mo} Conde de Paçõ Vieira, digno da nossa estima, do nosso respeito e da nossa consideração, e pesar verdadeiro eu tenho de que o colorido da minha penna não transluz a admiração profunda do que a seu respeito o meu cerebro pensa e o meu coração sente para pôr bem em fóco a sua deslumbrante individualidade, porque, então, mais envaidecido me tornaria e mais honrado se julgaria «O Campeão» ao prestar esta simples e espontanea homenagem a tão illustre titular e a tão integerrimo magistrado.

BENTO IZIDRO.

CHRONICA

POR estas noites de inverno tão claras, tão bellas como o teu olhar e tão frias, tão geladas como o teu coração, ó minha amada, eu lembro-me com saudade dos serões passados á lareira e das historias que a tia Anna, uma velhinha de cabellos tão brancos como o linho que fiava, me contava quando eu era inda pequeno, vazio de pezares.

Não podes, não, por mais que idealizes, ó morena dos meus sonhos, attingir a belleza d'esses contos em que reis muito poderosos e muitos ricos se anquilavam e empobreciam, só de tocal-os a magica varinha d'uma pequena fadal

Ah! não podes, não, imaginar a immensa differença que existe em esse convivio intimo, em esse desprendimento vago, e em as soirées em que te divertes, em que te canças, em que emfim te alquebras.

Ah! não podes não suppor a vida despreoccupada e alegre que eu ahi passava comparada com a que hoje vou arrastando á procura de algo de bom e puro que possa contar ás seis leitoras que têm o mau gosto de me ler.

* * *

Semana esta pobre de acontecimentos, vazia de emoções para que pudesse fazer uma chronica, que fosse dissipar um

SIMPATICA e insinuantissima figura, cavalheiro distinctissimo, alma sempre aberta aos sentimentos mais nobres, talento de finissimo quilate, caracter recto e honestissimo, homem prestadio e valedor

—eis traçado o perfil do ex.^{mo} Conde de Paçõ Vieira que honra notavelmente a galeria de «O Campeão» e que me envaidece de fazer destacar em toda a sua grandeza, com o pouco vigor da minha penna, que não possui o colorido bastante para coar garhardamente tão fina envergadura moral.

No pequeno meio em que arrostamos com a vida, e que a cada passo se reprimem os homens ferindo-se-lhe a sua reputação com acerbas injustiças e traiçoeiros processos, o ex.^{mo} Conde de Paçõ Vieira ergue-se tão alto que nos assombra de estima, respeito e consideração, porque manteve sempre em todos os actos da sua vida publica e particular a caracteristica das almas mais nobres, a linha bem vertical e bem apumada da irreprehensivel conducta.

Se a patria lhe deve muito porque a tem servido na punjança das suas facultades, no vigor do seu cérebro e na lucidez do seu espirito, destancando-se impolgantemente como seu filho

pouco o Vosso mau humor, ó candidas leitoras.

Semana esta passada unicamente na lucta dos partidos que se guerreiam a vender promessas e a comprar consciencias.

Semana esta em que eu, pobre chro-nista, não encontro nada, absolutamente nada, que vos vá distrair um pouco, em estas noites tão longas como luarentas.

Ainda bem que o Theatro D. Affonso franqueou as suas portas, como a querer agazalhar-nos um pouco entre as suas paredes, da neve que faz cá fóra por estas noites de inverno tão claras, tão bellas como o teu olhar, e tão frias, tão geladas como o teu coração, ó minha amada.

J. COSTA BASTO.

NOSTALGIA

Lembra-me bem: n'aquella idade bella Fallavamos d'Amor, das nossas maguas. Espelhava-se a Lua sobre as aguas, Gorgeiava canções a philoméla. Lembra-me bem: n'aquella idade bella Fallavamos d'Amor, das nossas maguas.

Tua linda cabeça, grata imagem, Poisava-me no hombro, descuidada; Nas minhas mãos, a tua mão nevada; Dizia-me uma extranha linguagem. Tua linda cabeça, grata imagem, Poisava-me no hombro, descuidada.

Que de sonhos, creança, e que castellos Se erguiam ante mim a cada instante, Ao arfar do teu seio palpitante E ao clarão dos teus olhos sempre bellos! Que de sonhos, creança, e que castellos Se erguiam ante mim a cada instante!

Corriam pelo campo as borboletas; Chilreavam as aves nos espaços; Ondeava, de manso, nos teus braços, O soberbo setim das tranças pretas! Corriam pelo campo as borboletas, Chilreavam as aves nos espaços.

Envolveu-nos o manto da saudade, Horas gentis d'essa infantil loucura, Sonhos idos nas azas da Ventura, Tudo quanto eu sonhei na Mocidade! Envolveu-nos o manto da saudade, Horas gentis d'essa infantil loucura!

Sobre as aguas do rio murmurante, Cahira uma flôr dos teus cabellos! E eu á luz dos teus olhos tive zelos, Lembra-me bem, se lembra!—d'esse instante Sobre as aguas do rio murmurante Cahira uma flôr dos teus cabellos!

Vizeu.

JOSÉ BRANQUINHO.

A lenda dos beijinhos

QUANTAS vezes, ó gentis banhistas, não ides á tardinha voejar pela areia da praia á procura d'uns pequeninos busios, a que se dá o gracioso nome de —beijinhos— para levardes comvosco para o vosso ninho, como um dos *souvenirs* d'esses fugazes dias da epocha balnear, que voaram na aza d'um sonho de virgem como vós!

Se vos lembrasseis da tragedia, que os envolveu na historia do tempo, como nol-a contam os mythos antigos, e que a lenda grega immortalizou, então com certeza que os haviéis de estimar ainda mais, como a fórmula objectiva, que são, do mais sincero e pungente amor de que ha memoria.

Em Sesto, cidade da Grecia antiga, n'um lucus consagrado, proximo á orla do mar, celebravam-se com todo o esplendor as festas de Venus. A' volta do seu santuario

apinhava-se uma turba-multa que de todas as partes acorrera a ouvir os oraculos das pythonisas, e assim tornarem-se participantes das graças da deusa da belleza.

Heró, joven sacerdotisa, em pleno ceremonial, vestindo a ampla clamyde branca, e cingindo uma corôa de myrto, sobressahia a todas as outras pela sua extraordinaria belleza, aureolada pelo pallor ingente da lua. Dir-se-hia ser um avatar da Venus de Milo.

Leandro, esbelto mancebo que tinha vindo da outra margem do estreito mar, vira-a assim radiante de formosura e apaixonara-se doidamente por ella, sendo o seu amor correspondido com igual ou maior affecto. Infelizmente tinham de esperar que terminasse o tempo da consagração da sacerdotisa, pois só então poderiam unir os dois corações ardentes e accender o facho de Hymen.

No entretanto todas as noites o ousado e enlouquecido Leandro atravessava a nado o Hellesponto para se ir lançar nos braços da sua amada, e Heró para o guiar no meio das ondas tenebrosas consejava uma pyra ardente no alto da torre do templo.

Mas um dia o mar tornara-se procelloso, e por sete longos dias continuou o furor da tormenta irritada. Leandro ardendo em desejos de ir ver a sua linda amante, como costumava, atirou-se com todo o arrojo ás ondas embravecidas.

O seu extraordinario vigor luctara denodadamente com ellas, enquanto que Heró do alto dos rochedos o incitava a combater, atirando-lhe beijos após beijos, que o vento enfurecido levava ao seu destino, mas por fim as forças esvahiram-se-lhe, e perecera mesmo alli perto, á vista da pobre Heró petrificada pela dôr.

O mar, esse precito, não quiz guardar o corpo da sua victima, e as vagas arrojaram-no á praia aos pés da sua infeliz amante. Heró allucinada não lhe quiz sobreviver, e precipitou-se ás aguas revoltas do alto da penedia.

Diz-se, que os deuses compadecidos por tamanho infortunio metamorphosearam-nos em aves aquaticas, e os seus beijos, os beijos que Heró atirara ao seu amante, transformaram-nos n'essas lindas conchinhas que vós, gentis banhistas, procuraes d'entre a areia da praia.

E assim ficou perpetuado esse amor n'esses beijinhos que a linguagem conservára o mesmo nome d'uma lenda da sua historia. Pois não tem mesmo a fórmula de dois labios contrahidos no arroubo d'um beijo perenne?

Apanhae-os, pois, que apanhaes os beijos de Heró, a pobre amante infeliz.

Povoa.

B. PEREIRA.

O UNIVERSO

Apóz o regosijo, a desventura; Depois d'um louco amor, a saciedade. Ao dia se lhe segue a noite escura... Vem antes da velhice a mocidade.

Vem depois d'uma vida d'amargura... O descanço final da eternidade. E fermentam, por fim, na sepultura Os trapos de villeza e de bondade!

Tudo marcha na curva indefenida. Tudo passa e tudo se atrophia Nesta noite feroz chamada vida,

Que só mui vagamente se clareia... E eis o universo:—uma enxovia De que Deus é a pallida candeia!

Porto, 24—11—99.

LUIZ MARIA PEREIRA.

BURLESCO

Ao sempre amigo Antonio Silveira.
Possa elle, ao lêr-me, rir entre as pedras nhas do Seminário,—negras como a sua batina, negras como o seu coração diamantino.

A mortalha no céu se talha

VIJOI em Agueda.

Adoçêra um sexagenario,—o ti Manel. Como o barbeiro da terra era seu compadre, chamou-se o barbeiro que, honra lhe seja, acudiu immediatamente ao chamamento, depois de se haver munido com o competente vidro das sanguessugas. De certo sabem que a sciencia de qualquer figaro de alleia se appoia no uso das bichas. Se Deus não as dêsse á agua e se os sabios não descobrissem o seu valor, haveria barbeiros, sim, mas para nos escanhoarem e não para discutirem a sangria.

—Eh! compadre... qu'é lá isso? Lev'arriba! O doente não tugiú nem mugiu: estava mal para retorquir ao fazejo. O ti Antonho —o fazedor de barbas ficou embarrilado de vez. Diabo! a coisa era seria... E inda na vespera á notinha, na sua loja, sobre um banco ensebado, de cortiça, á luz da candeia suspensa do cortão fixo a um caibro onde, de dia, as moscas poisavam de preferencia, o seu compadre jogára alegremente o burro! Parecia mesmo impossivel, pois isso parecia...

Veio arrancá-lo ao seu philosophismo agudo o rapazêllo da casa:

—O medico não tarda por'hi.

O figaro embezerrou de todo. Ah! e então elle, elle...! havia de retirar-se, sem mais quê nem para quê?... Ingratos! rebaixarem-lhe assim a sabedoria e o valôr das bichas, trocaram-n'o por o bôlas do doitor!...

Enguliu em sêcco. Quiz fallar, mas uma contractão de garganta foi que lh'o não permitiu. Fez um movimento de braços e de pernas, presumindo que esse movimento lhe puxaria a voz. Qual carapuça! nem assim. E o frasco que apertava na mão, foi d'encontro á parede, partiu-se, e as sanguessugas caíram para dentro dos enormes tamancos ferrados do doente, collocados á beira da enxerga. Que grande desgraça! E quem não desabafa na desgraça?... O barbeirôla desabafou, pois n'este gemido, capaz d'abalar granito:

—Minhas pobres bichinhas!...

Debruçou-se a apanhal-as, uma por uma, com a lagrima cristallisada ao canto do olho; e quando já tinha a mão cheia corre á cosinha, e, sem tirtre nem guarte, zás! pespega com ellas no cantaro da agua.

Entrementes, o doente voltára a si com o barulho feito pelo compadre, a quem á vida interrogou e disse, para o acalmar:

—Deixa lá, homme, na'la d'afflicções... S'as bichas morrem, ficam os rios pra darem muitas mais. Mas, se o teu compadre morrer... outro com'el' não, não torna...

O ti Antonho animou-o, fallou-lhe no medico, e que não tardaria...

—O medico!... p'ra que quero cá isso?... Não, não venha... leva coiro e cabelo... e a botica! é uma roualheira...

Mas, n'isto, o discípulo d'Esculapio entrou. E o doente, muito calmo, ajustou com elle. O recemhêgalo sorria, com intulgençia; conhecia bem a miseria dos que preferem a morte á sciencia, por causa de meia duzia de vintens.

Depois de auscultal-o, mostrou desejo de lavar as mãos. Veio o cantaro da cosinha, e, ao despejarem n'o para a bacia de barro, as bichas saltaram. Todos ficaram aparvalhados, com caras d'asno, entanto a mulher do doente, cuspidô fora, se lamentava:

—E eu qu'ind'agora bebi do caneco!... Não terei nenhuma nas tripas!...

Ao retirar-se, o medico disse, laconicamente:—E' grave o seu estado.

Então, a familia desatou n'um choro convulsivo. Morreria, coitado do homem! E sem lembrar-se das ovelhas que balião no curral, mandou parte ao coiveiro para abrir a cova, orlem que foi logo posta em pratica.

Mas, o ti Manel foi melhorando, lentamente, lentamente. A sua gatinha já se atrapalhava com o caso de ter que pagar a cova, sem ter servido. «Emfim, com'ó outro que diz, é puxar pelos cordões á bolsa...»

Quando o doente largou a cama, estava em festa a villa. Os sinos dobravam festivamente; o zabumba parecia deitar as casas abaixo; a rapaziada gritava, correndo atraz dos fogueiros queimados; as raparigas frescas e lavadas, cantavam e dançavam a ramal-deira; a musica sabia do almoço servido em casa do abbade, trauteando uma marcha triumphal, desalinhissima, obriga-la a baixos e a pancadaria, e dirigia se para a egreja, onde haveria sermão e missa cantada e, ao fim, a venda das fogaças offerecidas ao santo.

Na occasião em que o ti Manel apparecia á soleira da porta esburacada e velhinha, a philharmonica parou, a saudal-o, com os mordomos e a garotada á frente.

— Obrigação rapazes! — E, generoso, mette a mão ao bolso, tira dois vintens, chama o mestre e dá-lh'os, «para uma pinga», accrescentou, semi-risonho. Então, houve uma extranha, manifestação de sympathia e de respeito, expontanea, popular, delirante, mais entusiasta do que as que se fazem a ministros quando por acaso n'os passam á porta, na provincia.

— Viva o sôr Manel! ..

— Viva! ..

E... en avant! en avant! a marcha irrompeu, atoralora, triumphal, parecendo capaz de derruir as casarias e de levantar as pedras das ruas.

Finda a festa d'egreja, o povoleu levou em braços o ti Manel ao cemiterio, para que visse a cova escancarada. Elle sorriu, mediu-lhe a profundidade com o olhar e, serenamente, fallou:

— 'Stá bem, rapazes, 'stá bem... A' noitinha ha-de haber festa na minha eira. Bae a senhora musica, bae o zabumba, bão as cantadeiras... Panlega de truz, voncê's beirão!

Um grito unisono saiu de todas as boccas:

— Viva o sôr Manel! ..

— Viva! ..

Ao lusco-fusco, a eira estava inteiramente repleta. O ti Manel transpirava por todos os póros. Que trabalho em dirigir a festa!

A verdade é que, com a historia da cova, andava satisfeitissimo, e queria ser franco uma vez na sua vida. Foi assim que a sua pipa, abarrotada de vinho verde, se exgotou.

Quando entrou d'aclarar a manhã, a eira tinha um aspecto de lenda macabra. Instrumentos, velhos e velhas, tudo á mistura, abraçado, inerte! Viam-se boccas ao pé de boccas, boccas ao pé de sapatos, novos agarrados a velhas e reciprocamente. A bebe deira dominava todas as cabeças!

Encostado ao canastro, o ti Manel, esse, ria sósinho, á vista de tantos vencidos, e sentia se orgulhoso como um general ao pensar que fóra elle quem vencêra tanta gentiã.

Mas, de repente, ao lembrar-se dos gastos feitos, exclamou:

— Dianho afinal sempre me escorropicharam a pipa...

ARTHUR DORIA.



As lagrimas...

(A MINHA MÃE)

Cançado e velho, um pobre coração
Ha muito procurava, sempre em vão,
Encontrar uma lagrima querida,
Que no termo fatal da sua vida
O fizesse pulsar tão rudemente
Que a morte o empolgasse inconsciente!...

Elle vira-as correr, silenciosas
Filhas de dôres d'alma angustiosas;
E arrancadas por rostos tormentos
Banharem muitos rostos macilentos!
A viuva, a esposa atraçoada,
A tenra creancinha abandonada
Sem caricias de mãe, de pai; d'irmão,
O mendigo que chora sem ter pão,
O homem condemnado injustamente
Soffrer, chorando, a Morte, elle — innocente!...

Buscou-a percorrendo, sem cessar,
Desde o miserio leito hospitalar
Onde ha terriveis dôres escancaradas,
'Té ás ricas alcovas perfumadas
Onde moram occultas agonias
Roubadas ás pungentes ironias
Que a sociedade vil lança na taça.
Immensamente grande da desgraça...

..

Mas esse coração, velho e cançado,
Seria como o gelo amontoado
Que não se liquefaz ao sol d'inverno,
E onde reina, triste, um frio eterno?
Que olhos sacrosantos, n'este mundo,
O segredo teriam, tão profundo,
De ser o sol ardente d'esse glo
Que, chorando, podessem commovel-o?

..

Tão santamente pura, tão divina,
Tão puramente santa, diamantina,
Surgiu, emfim, a lagrima bendita
Creada pela Dôr, pela Desdita.
N'uns olhos de mulher, para verter
No transe mais cruel do seu soffrer,
Surgira como aurora ou como estrella
Que empallidece as outras, por mais bella.

N'um quartozito pobre, a meia luz,
Voltada a pura face p'ra Jesus
Que pendia d'um leito, á cabeceira,
Ajoelhára em prece verdadeira
Na mudez da agonia cruciante
Uma mulher, olhando-o soluçante,
Ao pallido Jesus crucificado!...
E n'esse olhar de dôr, tão magoado,
Brilhava ainda viva, a luz da esp'rança.

E' que n'aquelle leito, uma criança
Jazia inerte, os olhos já sem vida,
A tez do rostosinho esmorecida...
E essas lagrimas puras, dolorosas,
Em fio deslizando silenciosas,
Arrancadas á força de soffrer,
D'essa alma alanceada de mulher,
Da sua alma d'amor — dôce sacramento —
Eram como as que, á noite, no Calvario,
Maria, por Jesus, Chorou tambem:

As lagrimas santissimas de mãe!...

Novembro 99

RUY SERENO.

©©©©©

RECUSA

(A J. Lopes Vieira)

Off'receste-me um dia os labios nacarados,
Os canticos de Deus e a musica dos ninhos;
E para que do Amor vivesses sósinhos
Off'receste-me então palacios rendilhados.

Off'receste-me o ceu, thesouros encantados,
Mil gosos divinaes, todos os teus carinhos...
Off'receste-me até os velhos pergaminhos
Que acabavas de herdar dos teus antepassados.

E eu tinha que te dar em troca d'esse encanto,
—Orgulhosa mulher— o meu sonho tão santo,
A vida de poeta, a vida pelo espaço!

Recuso! Quero o sonho, a Musa que sorri!
Tudo isso será bom mas guarda-o para ti
Porque eu, a ser Marquez... prefiro ser palhaço.

A. ALBERTO MARTINS.

O PARAISO RECUSADO

I

ESTAVA sonhando, quando me appareceu
um anjo.

—Anjo formoso—lhe disse—a que devo a
alegria de receber-te a tal hora da noite,
n'esta alcova tão perfumada ainda por mi-
nhas amantes? Não sentes um grande aroma
de peccado que deve molestar o teu olfato
costumado ao incenso que espalham as mãos
das onze mil virgens nas alturas, no alto do
céo azul? Porque vieste?

O anjo sorriu e me disse:

—Nós, os bemaventurados do Senhor,
tambem temos os nossos caprichos. Desejo
proteger-te, e venho perguntar-te se gostarias
de ir ao Paraíso, sem primeiramente
passares pelas vãs formulas da morte e dos
funeraes.

Agralava-me semelhante proposta. Aceitei,
pois, immediatamente, e apenas deixara
de fallar, desceu até nós uma nuvem côr de
rosa que nos levou atravez da soledade azul
da noite.

II

Emquanto se desvaneciam ao longe as
moradas dos homens, os montes e os rios,
perguntei ao meu companheiro:

—Anjo tutelar, é realmente tão formoso o
Paraíso como nós o imaginamos na terra?
Falla, divino guia.

E o anjo respondeu.

—Não ha palavras em nenhum idioma hu-
mano, as unicas que tu podeses comprehender,
que exprimam o prodigio eterno da para-
disiaca mansão. Ainla quando tu inventas-
ses o milagre d'um jardim cujo solo tivesse
a côr e a transparencia do sol de verão, cu-
jas flôres fossem virginaes e onde o ar se
formasse de evaporação de perolas, a tua
chimera distaria tanto da realidade como uma
noite de gelado inverno, d'uma noite de es-
braseado estio.

Haviam ficado atraz de nós as primeiras
estrellas, quando de repente paramos.

—O que foi? —perguntei.

—A nuvem não pôde seguir subindo. Pesas
muito, isto é, o peso que interrompe
nossa ascensão não é uma carga material.
Se queres chegar ao Paraíso é preciso que te
desembaraces das ambições, dos sonhos de
gloria e de opulencia que te prendem ao
mundo inferior.

Que poeta não ama os sonhos de grandeza,
os capitulos cheios de aclamações, a
turba-multa domata pelo rythmo pomposo
dos versos, e os palacios de ouro e pedrarias,
onde côros de jovens cantam rapsodias trium-
phaes?... Mas o desejo de chegar ao Paraíso
dominava-me, e, com resolução, arremessei
ao espaço, até á terra desdenhada, o
meu orgulho, as minhas esperanças de reno-
me e de grandeza... ; depois, continuamos a
subir a toda a velocidade.

III

Ainda affastalos da mansão dos anjos, já
nos banhava um resplendor ethereo, doce.
Saindo das trevas terraqueas, entravamos no
verdadeiro céo. O ar que respirava enchia
meu coração de suave alegria, quando, a su-
bitos, notei com inquietação que paravamos
de novo.

Pesas muito ainda,—disse-me o anjo.

—Não repelli eu as ambições, os sonhos
de gloria e de opulencia?

—Sim; porém, no amago da tua alma ain-
da levas a recordação dos teus amores da
terra. Não esqueceste, nem os sorrisos, nem
os beijos das peccadoras.

—Comol' também isso?... E para fazer-me digno do Paraíso, consenti no cruel sacrificio de arrojara para as profundezas, que vão dar á terra, a lembrança de meus meliores dias.

Immediatamente proseguimos na ascenção, agora mais rapida que nunca.

IV

Oh espectáculo arrebatador! Até que emfim via as portas de diamantes da insuperavel morada. Alli e-tava o Paraíso. Senti-me desfallecer de emoção deante do seio augusto da eterna alegria.

Porém ahi! notei que outra vez nos detinhámos.

—Ainda pesas, ainda pesas. Animo—me disse o anjo; um esforço mais e alcançaremos o Paraíso.

—Que devo fazer?—perguntei.

—Ainda te resta no mais fundo do coração, lá aonde não chegam as ambições nem as concupiscencias, a recordação d'uma menina, que um dia, no bosque, quando tu tinhas dezesseis annos, te não quiz dar um beijo, o unico que pedias. Vá! lança fóra esse peso como tens arremessado o renome, a ambição, a gloria, e chegarás ao Paraíso que sobre nós respandece.

—Não!—gritei com força.

Então o anjo, com um gesto desdenhoso, me abysmou atravez da luz e das sombras, e cahi sobre a terra dura e negra, longe para sempre dos paradisiacos esplendores, porém feliz e ditoso de haver podido conservar em troca a imagem da pallida rapariga, que uma tarde, no bosque, não quiz dar-me o unico beijo virginal e puro que tenho solicitado em toda a minha vida.

CATULLE MENDÉS.



MORTA

Morreu a minha noiva, a castissima flôr, A minha doce Esp'rançal essa rosa fragrante Que como as Malherbe esfolhou n'um instante, Deixando-me sómente a saudade e a dôr!

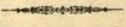
Vestida de luar, linda como um alvôr, Eu quizera ir com Ella, a minha doce amante, N'uma tarde de maio ao sol agonisante, Ouvir os rouxinoes cantar o nosso amor!

E, depois, quando a lua, a meiga confidente Por sobre Ella espargisse as lagrimas celestes Lentejoulando o seu vestido alvinhente,

Iriamos então, alegres, descuidados, Num álgido sepulchro, á sombra dos cyprestes, Realisar, emfim os tambos desejados!

Vizen—99.

CRUZ ANDRADE.



VESPERAL

(D'um velho conto)

AO ELEUTERIO CERDEIRA

... Elle para quem, agora a vida era um pesadelo, soffria e chorava silenciosamente. Muitas vezes lhe perguntei a causa de tanta tristeza, e elle, forçando sorrir, o que poucas vezes conseguia, respondia, invariavelmente: «que não era nada...»

Eu, o seu intimo amigo, o seu companheiro d'infancia, entristecia ante a mudança que, pouco e pouco se ia operando neste, agora, desditoso rapaz, e partilhava da sua, para mim ignota, dôr.

Um dia, ou porque a sua magna fosse um pouco mais aguda e lacerante, ou porque não quizesse offender a nossa velha amizade, ficando indifferente aos meus rogos,

disse-me o motivo das suas lagrimas, das suas morbidas phantasias:

—«Que amára, com phrenesi uma mulher que crêra um anjo enviado por Deus para lhe amenisar e tornar mais sorridente a Vida; que a adorára com um amor intenso, sublime, grandiosamente illibado;—como só e unicamente sabem amar poetas; e que aquelle amor tão casto e platonico fóra escarnecido por Ella...»

Que nunca a deixára de amar, que a tinha idolatrado sempre; que—se tanto fosse preciso, se rojaria a seus pés para alcançar um dos seus tão vivificadores olhares!...

A solidão era completa e o dia ia-se esvaíndo n'um nostalgico crepusculo arroxeadado e triste; e ao longe n'uma azinhaga, ladeada de velhas arvores, passava um pegureiro cantando umas trovas lindas, mas muito vagarosas, que se confundiam com o compassado badalar das Ave-Marias, que o sino da pequenina ermida da Senhora, lá ao longe, desprendia pelo ar puro e lavado.

N'essa hora, em que cada um procura no seu ámago recordações e reminiscencias de factos longinquos que nós olhamos com uns fumosinhos de saudade, elle, voltando para mim a merencorea face a que a cláridade baça d'aquelle ennevoado findar de dia e os vislumbres sangrentos do sol, que desaparecia, punham uns nimbos de martyr, balbuciou:

«E eu apesar de repellido e dos seus risos sarcásticos, amo-a cada vez mais com um amor infavel, sem precedentes...»

Outubro de 99

GONÇALVES DIAS.



MUMIAS

A Valentim Magalhães

Imagina-as no horror dos hypogeeos mortuorios, Mirradas sob o pó das gomas aromaticas, Entre canopes de ouro e vasos cinerarios Esparsos na mudez das alas tenebrosas,

Na treva, em longa fila, os genios funerarios Fitam horrendamente as mumias silenciosas, Estrelladas de anéis e accesos relicarios, Onde um Ibis feral abre as azas radiosas...

O ar pesado suffoca; uma estranha figura Soluça desolada a um canto de mãos juntas; Foge a traça senil que nos tumulos medra...

E no basalto negro a rubra illuminura Dos hieroglyphos, conta as tradições defuntas E o sombrio esplendor dos seculos de pedra.

(Bms.)

VICTOR DA SILVA.



O BEIJO

MESOPHILA, graciôsa como as sete côres do arco-iris, mais flexivel que o junco, amava com o primeiro aurorar da paixão. E Carlos adorava-a, como a camponesa adora a Nossa Senhora que a livra das maleitas.

Todos os dias, altas horas, se fallavam. O que se diziam?... O que pôdem dizer duas almas enamoradas, duas almas irmãs? O amor — escreveu Victor Hugo — é o céu, e Mesophila e Carlos fallavam d'esse céu.

—Como é bonito vêr tombar das folhas as limpidas gottas do aljofar! — dizia-lhe elle: como encanta o brincar da brisa, saturada de perfumes, por entre os malmequeres e marilias! Oh! Mesophila, és a doce brisa que acaricia a minha alma, entre esperanças ridentes e sônhadoras!

Quando Carlos adormecia, entrava no mundo dos sonhos que lhe reverberavam os momentos por que acabara de passar.

Abençoado o amor de almas candidas! N'aquelle approximação dos dois amantes, havia o quer que fosse de fatidico e providencial.

Mesophila tremia com o vél-o como a aua que faz tremular a flôr; as suas faces, de ordinario empaldecidas, purpureavam-se; o olhar espelhava a ardencia de seu amor. —Adoro-te! — era a palavra que lhe safa dos labios com a doçura d'um trecho de Bellini. E em seguida, com uma nuvensita de tristeza a sombrear-lhe os olhos e as faces: — «Que nunca a estrella do esquecimento fulgure em teu peito, meu adorado!» —Um «não» de Carlos fazia-lhe transverberar no rosto raios d'alegria.

E a magica flôr do amor, era-lhes luminosa como um diadema.

—Não! não te deixo Mesophila: amo-te como Dante amou Beatriz! Que outro homem te affaste de mim, vá; mas nunca, oh nunca! ninguem poderá arancar-me a tua imagem do peito, nem a minha do teu... O amor — disse-o Angelo — é a aza que Deus deu á alma para voar até elle, e, embora teu corpo, teu sorrir seja d'outro, a tua alma voará com a minha para o céu, sempre, até á morte!

*
* *

A lua diloe as montanhas em ondas de luz opalina, mysteriosa e scismadora.

Mesophila e Carlos contemplam-se, embebecidos. Sob as pernas d'uma macieira em flôr succedeu que os raios da lua lhes banhassem as faces. Mesophila fitou Carlos um momento; depois, o peito a latejar muito, como a aza ferida de rola, ciciou, como querendo que as coisas não a ouvissem:

—Vou dar-te a prova do meu amor allucinado, ó amado!

E inclinando-se, aproximou seus labios dos de Carlos, e depôz n'elles um beijo demorado, feito dos vapores mellicos de seu amor puro, e immaculado... A lua seguia, sorrindo, a dispersar seu doce alvôr sobre as coisas.

ABEL DUARTE.



DESCRENÇA

(AO GONÇALVES CEREJEIRA)

Bem doloroso é este meu viver E o d'esta Alma, sem fé, sem refrigerio, Com olhos postos no livro do mysterio Arrasta a sua cruz sem que o possa ler.

Foi-se-me a crença, já não posso erer Apagou-se-me a Fé—astro sidereo. O mundo é p'ra mim um vasto cemiterio: Viver—soffrer, soffrer—apodrecer.

E ás vezes a sós com esta dôr N'um tal delirio de Alma angustiada A quem falta da vida o fugaz calor,

N'um riso de descrença descerrada Esta pallida bocca já sem côr Solta horrivel blasphemia ao Credôr.

(Do livro inédito—Dolôres)
Coimbra.

AURELIO FERREIRA.



As flores de Laura

Tu sabes, Elisa, que eu gosto immenso de flores, não é verdade? Sabes tambem que entre ellas, ha uma á qual dedico particular estima?

—Sim, a papoula?...

—Essa, a papoula vermelha, rubra, sanguinea. Pois o meu adorado Gastão, trouxe-me ha pouco um ramo d'ellas, que eu conservo n'uma doce religiosidade, em cima do meu toucador. Que lindas são, e que vermelhas! e que contraste formam com essas rosas pallidas, quasi doentias, ou com as luctuosas violetas!...

Olha, minha boa Elisa, eu amo todas as flores, mas adoro as do meu Gastão, que são tambem as suas predilectas.

*

—No oiro dos teus cabellos poisam bem as flores brancas, disseste-me um dia, e sorris significativamente, recordas-te Gastão?

—Sim, minha adorada... E offertei-te então uma camelia, que, inditosa se finou...

—Não gostas de vêr as brancas gaivotas voejando por sobre as ondas, ondas que o sol beija e doira?

—Gosto, sim, mas tambem gosto muito, muito, de vêr umas cabecitas rubras espreado por entre os trigaes.

—Nesse caso não serei nunca inteiramente feliz!...

—E, porque?

—Porque só serei venturoso no dia em que, nos teus cabellos d'oiro, luza uma grinalda muito branca...

*

Que formosa está Laura no seu vestido de noiva! Reflecte-lhe no olhar um poema d'infinito amor, infinito como o seu olhar!

O sonho de toda a sua vida realisava-se emfim! Unida a Gastão e para sempre!... E sorria-lhe ternamente, como devem sorrir os anjos.

No meio da sua ventura, não esqueçera as suas flôres favoritas, corréra ao seu quarto a libertal-as e déra-lhes o perfume do seu seio, onde as collocou.

.....
Mas esses flôres tão vividas, essas flôres amadas, morreram tristemente...

Na manhã seguinte jaziam dispersas, abandonadas, mas vermelhas ainda, muito vermelhas, a desenharem-se nitidamente na alvura dos lençoes!...

Novembro 99.

J. ALVÃO.

Insensível

Deixára-se envolver immensamente
N'esse ar concentrado, indifferente,
A castellã gentil.
Mas o olhar, profundo e desdenhoso
Tinha ás vezes o brilho carinhoso
D'um sol primaveril.

Nos labios, d'um roseo indeciso
Brincava-lhe o ironico sorriso
D'um septico pensar.
Em nada tinha gosto, em nada eria
Essa mulher, extranha phantasia,
Difficil de sonhar!

Um dia, viu na orla dos vallados
Um par feliz, de ternos namorados
Trocar um longo beijo...
E a linda castellã desvanecida
Sentiu então, nascendo na sua vida
O primeiro desejo!

Porto, 24—11—99.

J. LOPES VIEIRA.

BALLADA

(Á Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria Afflato)

QUANDO desabrochavam as flôritas, riso-nhas como creanças, recatadas como pequeninas virgens timidas, vi-te.

*
* *

Quando, por atmospheras limpidas, o aljofar chorava sobre as folhas vèrdes, eu tinha saudades tuas.

*
* *

Quando o sol mordía a praia, queria vèr-te, e ia com a badine fazendo o teu nome na areia humida,—nome que as ondas vinham desfazer como na libação d'um grande goso.

*
* *

Chegou o Outomno,—a tarde do anno, no dizer de Michelet, o incansavel apostolo do Amor.

As folhas tomavam a côr do oiro e cahiam com os beijos das auras.

*
* *

Dias que melancholisavam a alma, ao par e passo que erravam tristezas pelo ar...

*
* *

No dia de feis defunctos, ao entardecer, estavas tu encostada ao gradeamento da sepultura de teu pae, toda coberta de chrysanthemos,—«as bellas rainhas do Outomno».

Sem que tu me visses, chorava ao pé de ti, emquanto tu chravas.

Ao vólveres para mim o doce olhar, illuminaram-se-te as faces, e, commovidissima, apertaste-me a mão, e murmuráste:

—Amo-te!

A. MENEZES.



DESVENTURA

Quando já tarde, em noites de luar,
Entregue a pensamentos d'um algoz
Detesto os longes céos, a terra e o mar,
Então d'um echo, eu oiço a triste voz.

E quando me parece meditar
Com phantasmas de sorte mui feroz,
Mostrando negros vultos de vagar,
Um cantico plangente eu oiço apoz.

Então géla-me o corpo um frio horrivel,
Envolve-me um negrume indiscriptivel,
E diviso umas letras: «Infeliz».

—Falas tu, ó auguz da desventura?
Ouzei dizer. A voz respondeu dura:
—Não sou eu, é o fado que o prediz!

28—11—1899.

AMADEU PIRES.

ARTES E LETTRAS

COSTA BASTO

Ao deparar sob seus olhos esta referencia vae espantar-se o nosso companheiro de labor.

Mas tenha paciencia.

A colheita de livros novos ha sido escassa e é urgico que alguma cousa surja de

moderno, quando mais não seja para haver-mos motivo a encher esta secção.

Ora o Costa Basto de ha muito traz tenção formada de lançar correndo mundo um livro de sonetos, inspirados no travor de amargos pedaços de vida.

Que esta nossa bisbilhotice, mais contribua para a rapida evidenciação de seus meritos de poeta, assim é nossa ambição.

Perdoe-nos elle, pela intenção, a beliscadella pespegada na m^a destia.

*
* *

ARTHUR DORIA

E' d'um academico talentoso o nome supra.

Conhecido é já dos leitores do *Campeão*, como contista primoroso, pleno de naturalidade e sentimento.

Vae elle em breve dar á estampa uma novella de sua lavra

Aguardamos pois a sua estreia litteraria, em livro, com anciedade, certos em que não desmerecerá dos seus credits já formados.

*
* *

OS RATOS

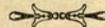
Sahiu a lume o 1.^o numero d'esta revista academica.

Não nos espanta a bella confecção litteraria nem o espirito subtil desde que n'ella collaboram academicos talentosos como Campos Monteiro, José Maria d'Oliveira e Guilherme d'Almeida.

De inexcidível propensão para pôr em foco achaques da humana condicção sobejas provas evidenciaram os dous primeiros nomes, acima referidos, no semanario de caricatura e humorismo os «Pontos e Virgulas».

Apresenta-se como cauterio a mazellas e como palmatoria a pedantismos balofos de *sabios*, engendrados por esses escaninhos de mercearia indigena.

A seara é fertil e aptos os segadores; e por tal motivo auguramos á nova revista d'envolta com imprecações dos arposdos, o applauso franco dos sensatos e dos indignados com a suja campanha da ignorancia e do vil mercantilismo.



THEATROS

Theatro D. Afonso

Até que emfim com grande alegrão para os *dillentantis* da opera abriu na quinta-feira, com uma casa repleta, o theatro D. Afonso, cantando-se o velho e glorioso *spartito* «Rigoletto» de Verdi, sob a direcção artistica do barytono portuguez D. Francisco de Sousa que obteve um excellente exito no seu conjunto.

Foram muito applaudidos a protagonista *signorina* Casalsi que embora um tanto receiosa por se apresentar ante um publico desconhecido tem, contudo, uma voz pequenina sim, mas muito limpida e muito agradável ao ouvido, indicando-nos que em futuras recitas deve merecer-nos justos applausos. Scaramella, (Rigoletto) diz e representa muito bem todo o seu papel como artista experimentado que é, pelo que lhe couberam as honras da noite. Tansi é um artista seguro como o demostrou na canção *La donna e mobile*.

Os demais artistas muito rasoavelmente

coros com algumas falhas e orchestra admiravel.

Assim se cantou tambem o «Rigoletto» na sexta feira, cantando se hontem a «Lucrecia», que se repete hoje, e em que se apresentavam dois novos artistas de muito merecimento decorrendo todo o espectáculo muito bem e coroado de applausos nas passagens em que mais extrema a sua execução.

Theatro Carlos Alberto

Hontem deu-se n'este theatro mais uma representação com o proposito «Janotas e catitas» do nosso amigo Ferraz Brandão agradando sempre.

Hoje a tarde representa-se a «Galeria» e á noite os «Janotas e catitas» novamente.

Para quarta feira annuncia-se a *premiere* do *arréglo* de Souza Rocha «Cem mil diamantes» que a empreza põe em scena com todo o esmero.

Publicações recebidas

O Tiro Civil

Publicou-se o n.º 174 d'esta interessante revista quinzenal cujo summario é o seguinte:

O Transuaal, III, por Fernandes Costa.—*Tiro*, acta n.º 7 do conselho gerente; acta n.º 23 da commissão executiva.—*Caçadas Reaes*, por ***—*Caça*, noticias diversas.—*Cosias d'Arte*, por Affonso Vargas.—*Roque Gameiro*, por Ribeiro Arthur.—*Ve'oc pedia*, chronica por Magalhães Fonseca.—*Porto*, por Pedal Chico.—*Coimbra*, por Zico Pedal.—*Bombeiros Voluntarios*, por um voluntario.—*Esgriua*, chronica por Sam.—*Gymnastica, natação e banhos; Rally-paper e Cross Country; Aveiro; Gravuras*.—*Tauromachia*, regulamento das corridas de touros.—*Annuncios*.—*Gravura*, Roque Gameiro.

Alliança

Recebemos o n.º 21 deste semanario catholico, scientifico, litterario e social, cujo summario é como segue:

A mulher christã.—Fanatismo sectario, pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos.—A ignorancia do clero. A obra de Mgr. Ireland.—A Humildade, pelo Padre Valente.—*Secção litteraria*: Alma, por João de Deus.—O pequeno vigia lombardo, por Edmund de Amicis. A Imprensa, por A. R. Sampaio.—*Parnaso christão*: Amor filial, por R. Bulhão Pato.—O doutor D. Fr. Joaquim de Santa Clara.—Candieiro de petroleo.—Chronica.—Inglaterra e Transuaal.—Boa nova. As queima luras curadas pelo leite.—Processo de engordar.—Bibliographia.—Secção official.

Os Bohemios

Recebemos o n.º 3 da Revista de litteratura Bohemios. Estampa na primeira pagina o retrato de Verediano Gonçalves, director da Arte.

A seguir, nas demais paginas, insere collaboração varia.

Pela offerenda os nossos agradecimentos.

O Cauterio

Visitou-nos o Cauterio, semanario de humorismo e critica, obra de academicos coimbrões.

Desafogado trilho no mundo das letras ambicionamos á nova publicação.

FOLHETIM

(16)

GEORGES DE PEYREBRUNE

Uma Separação

PRIMEIRA PARTE

III

Vermelha, lustrosa do vapor da agua, a rapariga curvava-se para a fomalha, me'a despida, em resultado dos seus gestos apressados e da liberalidade das suas attitudes.

Pedro Baldy seguia a, inquieto, o ouvido attento aos ruídos exteriores, beijando-a ás furtatelas, em quanto Rosa lhe escorregava por entre os delos como um passaro de plumagem macia. Os seus cabellos tinham-se soltado na luca e desenrolavam-se-lhe nas espaldas, pesalos e espessos.

O doutor affagava os, e puxava para traz a cabeça de Rosa, que se dobrava com risos irritalos, a bocca aberta, o pescoço tumido, flexivel e branco. Depois, arrancava-se de golpe aos braços de Baldy e enfiava pela escala, defendendo-se a pontapé, do alto dos degraus.

— Já não sei quantas vezes hei de dizer-lhe que se vá embora; se o pae apparece por ahi, o senhor tem de ouvir o bom e o bonito. O pae não é mau, mas diz elle que quando uma pessoa deve a uma rapariga, é justo que lhe pague. Se o senhor me comprasse a quinta, elle embatucaria e eu poderia ir onde me dêsse na vontade.

— Compral a-hei, Rosa, prometto te.

— Sim, promessas e mais promessas; não péga. Vá-se embora.

— Minha Rosinha, escuta-me. Queres vir hoje á consulta? A's tres horas não ha ninguém; dar te-hei uma boa noticia, melhor do que tu imaginas. Verás?

— O que vem a ser?

— Prop zeram-me um negocio para obter já o meu dinheiro; se se effectuar, nunca mais nos separaremos, tu virás viver commigo, na minha casa. Serás a minha governante. Terás magnificos vestidos e joias...

— E a senhora?

— Não te inquietes. A senhora irá... viajar. Ficaremos sós. Tu serás a dona da casa...

— Isso é verdade? disse Rosa, danto um pulo, e penlurando-se ao pescoço de Pedro Baldy, embriagando-o com o seu halito juvenil, com o aroma do seu corpo, rescendente ao feno e ao trevo das pastagens, onte ella levava as cabras.

— Sim, é verdade! acudiu o doutor, apertando-a a ponto de magoal a, se Rosa não se curvasse como um junco na sua flexibilidade serpentina.

— D'esta vez, o senhor não me engana? Serei uma senhora, terei vestidos de seda, um relógio de ouro, brincos, serei a dona da casa?...

— Juro te, pronunciou energicamente Pedro Baldy, com um olhar mau, que se dirigia ao longo a alguem, e significava que elle estava prompto a sacrificar e despedaçar todos os laços que o prendiam, para lhe ser permitido possuir completamente, elle só, essa creança de dezesseis annos que excitava doadamente os seus desejos de velho sensual, quasi embotado.

— Pois bem, respondeu Rosa, irei hoje á consulta ás tres horas. Mas se o senhor mentir, não me tornar á pôr a vista em cima.

— Verás?...

— Ella debatia-se gritando:

(Continua.)

HUMORISMOS

De quem é o soneto?

(A QUEM SERVIR A CARAPUÇA QUE A ESFIE)

Regular é d'estatura,
Muito gordo, rubicundo,
Um phenomeno da Natura
Tem sido cá n'este mundo
O tal typo, a tal figura!

Ou de frente ou de perfil,
E' um trambolho bem roliço
Para servir n'um canil;
Outros dizem: nada d'isso...
De cerveja é um bom barril.

Muita inveja até faria
Ao presunto alemtejano;
Tem pretensões de, algum dia,
Ser um doutor Saragano
Em arte de alveitaria!

Desculpe se me intrometto;
Mas pedia por favor
—Segredo guardar prometto—
Se me disser o Sur.
De quem era aquell'soneto?

Saber queria, pois vejo
Toda a gente a lamentar
Aquelle, cujo desejo
Era andar a figurar
Surripiando o *versejo!*

Não admira que um fardo,
De tão tremenda espessura,
Seja mesmo um burro pardo,
Rebentando de gordura
A trezandar a javardo!

MARIO PINTO D'AZEVEDO.

Notas de sport

Em sessão de direcção do Real Velo Club do Porto, de segunda-feira, foram approvadas as proposta de cinco socios effectivos, 11 socios correspondentes e delegados em Celorico de Basto o ex.º sr. Jeronymo Pacheco Pereira Leite e em Santiago de Compostella o ex.º sr. Dr. Jacobo Varela Menendez.

O sr. Comendador Motta Ribeiro Junior participou ter ido agradecer, com os seus collegas da direcção sr. Olyntho Múaz e tenente Fernando Guimarães, a sua Ex.ª Rev.ª sr. D. Antonio Barrozo, illustre bispo d'esta diocese, a cedencia da Quinta de Santa Cruz para a celebração da festa do 6.º anniversario do mesmo Club.

*

A direcção do Real Velo Club do Porto pensa em installar uma sub-sede na Foz do Douro, em consequencia de um grande numero dos seus socios habitarem permanentemente n'aquella praia.

*

Estão concluidas as obras do gabinete de leitura na sede do Real Velo Club do Porto, passando a sala por uma completa transformação, onde se encontra a par do luxo e bom gosto, verdadeiro conforto.

Actualmente trabalha-se com actividade na reforma da sala de jogo e casa de machinas, que a commissão se empenha para concluir no mais curto espaço de tempo.

*

Activam-se extraordinariamente as obras do velodromo Maria Amelia sob a direcção

dos distinctos engenheiros srs. Estevão Torres e Eleutherio da Fonseca, achando-se já concluídos os muros do lado poente e trabalhando-se na terraplanagem e na pintura da tribuna, trabalhos estes que vão já muitos adeantados.

A entrada do velodromo sofre completa modificação, ficando agora mais ampla e com duas espaçosas avenidas.

*

Noticiáramos no nosso numero anterior, por noticia trazida á nossa redacção, que no domingo passado se realisavam pelas 8 e meia da manhã, umas corridas de bicycletas na estrada da circumvalação promovidas pelos empregados dos Armazens Herminios e dedicadas á Sociedade Recreativa Herminiana.

Em face d'esta noticia publicada tambem em muitos outros jornaes diariicos, accorreu alli muita gente que, por assim dizer, ficou lograda porque assistiu a uma mera brincadeira de rapazes, pois que os empregados d'aquelle importante estabelecimento eram a isso estranhos, como nos vieram declarar.

*

No domingo passado alguns socios do Velo Club de Lisboa partiram em passeio official á pittoresca villa de Bucellas, sahindo de Lisboa ás 8 e meia da manhã e regressando ás 5 da tarde.

A sua chegada, a Bucellas, foi-lhes servido um lauto almoço que correu muito animado, fazendo-se varios brindes.

*

A nova direcção do Velo Club de Lisboa está organisando umas corridas, envidando todos os seus esforços para que sejam as mais luzidas d'esta epocha.

*

O Velo Club de Braga, uma nova mas já florescente aggremação da capital do Minho celebrou com todo o enthusiasmo no domingo passado um passeio official a Guimarães.

A partida fez-se ás 8 e meia da manhã partindo do Campo de Sant'Anna, chegando a Guimarães cerca das 11 horas, seguindo-se o almoço servido no Grande Hotel Toural.

Ao *cha-pagne* fizeram-se muitos brindes e d'entre elles os dos srs. Alberto Mattos, presidente do Velo Club, Joaquim Braga, membro da direcção, João Silva, Laurindo Costa, Verissimo d'Almeida e ex.^{ma} sr.^a D. Maria Ignacia Roby de Faria (Infias), distincta dama bracarense, brindando pela vitalidade do Club, brinde este que foi coroado de palmas e bravos, erguendo-se por essa occasião muitos vivas ás damas bracarenses.

O regresso effectuou-se pelas 4 horas da tarde, sendo esperados no sitio da Moreira por numerosos cyclistas e dando entrada na sede do Club ás 5 e meia, sendo então erguidos entusiasticos vivas ao Velo Club de Braga, á sua direcção, ao cyclismo, aos clubs do Porto e Lisboa etc., servindo-se em seguida, a todos os socios, um jantar no Hotel Mattos.

Foi esta uma festa que decorreu sempre com grande enthusiasmo e na mais franca jovialidade, deixando gratas impressões.

*

O cyclista americano E. Etuards, o primeiro que tentou percorrer 100 milhas por dia durante um anno, propõe-se bater o *record* Nova-York-S. Francisco ou antes a travessia á America que é actualmente de 37 dias.

*

Debaixo d'um verdadeiro sol de verão e com um certamen dos mais interessantes, encerrou o velodromo de Sembel a epocha de 1899. O match dos quatro cumpriu tudo o que prometia. Bor o joven *Campeão* parisiense maravilhoso o publico e provocou o enthusiasmo geral. Foi incontestavelmente o primeiro do match, apesar de favorecido por Bertin em motocyclo que o *entrainou* do principio ao fim do match.

Bonnevie e Dangla portaram-se muito bem disputando muitas vezes, em algumas voltas, o 2.^o logar.

Quanto a Hamelin, fatigado por uma noite de viagem em caminho de ferro não pôde mais, apesar de toda a sua energia, senão classificar-se em quarto logar.

Bonnevie substituiu o Bordelez Possaneau que, apesar de inscripto, faltou. Fallava se em fazer uma queixa contra este ultimo á U. V. F.

Os resultados foram os seguintes:

Amadores—1.^o Duluc, facilmente; 2.^o Huguet; 3.^o Kamil.

Internacional—Final (2000 m.): 1.^o Bonnevie em 4 m. 13 s.; 2.^o Dangla; 3.^o Hamelin; 4.^o Debrieu.

O *match* dos quatro:

Em seguida a esta corrida os *entraineurs* (7 ou 8 motocyclistas) invadiram a pista, os quatro corredores tomaram os seus logares na meta, e é, com a attenção geral, que Mr. Burand, director do velodromo, dá o signal de partida.

Dangla *démarré* primeiro com o seu *entraineur* mas Bor passa a frente com uma velocidade louca.

A disputa continua encarnçada entre os tres ultimos. Finalmente chegam na seguinte ordem:

50 km: 1.^o Bor em 1 h. 3 m. 43 s.; 2.^o Bonnevie em 1 h. 8 m. 56 s.; 3.^o Dangla em 1 h. 10 m. 4 s.; 4.^o Hamelin por 3 voltas.

Mas como anoitecesse é ao luar que se realisa a corrida dos *entraineurs* (2000 m.) ficando pela seguinte ordem:—1.^o Bertin (tricyclo) em 2 m. 15 s. (partida tardia); 2.^o *tandem* Prégnaç—Debrieu; 3.^o Joyeux (tricyclo); 4.^o Lasvoujade (tricyclo).

Entre os *sportsmen* presentes achavam-se Mr. Giraud: Mr. M. de Sain-Loup; Pepin de Gontaud e os motocyclistas Fourestié Ducasse, de Tolosa, etc.

HORAS DE SOCEGO

Charadas novissimas

Dolores tem de comer no borralho—1, 2
Este fructo, é pena estar meio podre—2, 1

Anatmar

No vapor para vapores, com vapor marca o tempo—4, 2 2
Este liquido o homem bebe—3, 1

Teidila.

Charada

Esta questão de charadas
E' coisa que eu não percebo—2
E sendo ellas bem forjadas
São coisas aprimoradas
Para que *corre* o mancebo—2

Que eu ja tenho decifrado.
E para que não me tomem
Por imbecil consumado
Dir-lhes-hei, algo emproado.
Que pr'as faceis eu sou um homem.

Diadema.

Enigma

(AO MEU AMIGO ETTORL)

Quatro letras tem meu todo
Consoantes e vogaes
Sendo duas diferentes
E as restantes eguaes.

A's direitas servem ellas
Para fazer oração
Invertidas todas juntas
Têm valor e estimação.

A. Tins-mar.

Logogripho

Na igreja, entrou um dia
Escapando ao sacristão—7, 4, 2
Um animal que podia
Afrontar religião—1, 6, 7

Mas um *typo* arreliado
Por vêr tanta heresia—3, 5, 1, 7
Escorraçou-o zangado
C'o pau que n'um forno havia—4, 2

Chamam-lhe uns batalhador
Outros ainda guerreiro.
E' porém um luctador
Que dá brado ao mundo inteiro.

Joamel.

Decifrações do numero anterior

Das charadas novissimas—1.^a Alepidato, 2.^a Mirto, 9.^a Jaculação, 4.^a Anafim, 5.^a Acajurama, 6. Alagação, 7.^a Enxaravia e 8.^a Rodopio.

Do enigma—A let. a E.

Do enigma typographic—Gallinha.

Do logogripho—Cravelina.

Relação dos decifradores:

Das charadas novissimas—Joamel e Diadema.
Do enigma e logogripho—Joamel, Diadema, Zelia, Rovi, Teidila, Ettorel, Emyaj, Zingaro, Luar, Vaspilinto e Mimi.

Carteira

Regressou ao Porto das suas propriedades de Calris o ex.^{mo} snr. Conde d'Alves Machado e sua ex.^{ma} familia.

*

Partiram para Famalicão os nossos amigos os srs. Americo e Carlos de Moraes.

*

Afim de embarcarem para o Rio de Janeiro partiram para Bordeus o sr. Bernardino Pinto da Fonseca, sua ex.^{ma} esposa e filho.

*

Partiu hontem para Pariz a tratar de negocios da sua importante casa commercial o nosso amigo, sr. Henrique Dias Teixeira.

—*—

O CAMPEÃO

Orgão do R. V. C. P.

Redacção e Administração—R. Santo Antonio, 165—PORTO

Assignaturas pagas adeantadas

Porto, trimestre 300 reis
Provincias, semestre. 680

Avulso 30 reis

ANNÚNCIOS

Contracto especial

E' nosso representante em Coimbra o snr. Aveino A. Vieira Pinto—rua da Trindade, 57.

TYPOGRAPHIA A VAPOR
DE
JOSÉ DA SILVA MENDONÇA

Rua do Almada, 96

PORTO

Praça de D. Pedro, 95

N'esta typographia imprimem-se com rapida e esmerada perfeição e nitidez: Jornaes, livros, mappas, relatorios, facturas, recibos, cartas, bilhetes de visita, participações de casamento, rotulos para pharmacia, etc., etc., para o que dispõe de material o mais moderno. Preços modicos.

(CASA FUNDADA EM 1882)



BICYCLETAS
GLADIATOR

as unicas que offerecem garantia aos cyclistas pela solidez de construcção, leveza de andamento, elegancia de quadros e, finalmente, pelo seu modico preço.

TRICYCLOS COM O MOTOR A PETROLEO

ASTER-GLADIATOR

os que melhor resultado teem dado nas estradas portuguezas.

Encontram-se á venda em casa do seu agente

Silvestre Dias Teixeira

153, RUA DO SÁ DA BANDEIRA, 157

E NA SUA CASA FILIAL

RUA DE CEDOFEITA, 84

(Esquina da Travessa de Cedofeita)

PORTO

*Onde tambem se vendem e alugam bicycletas**Onde se encontra excellentemente montada uma officina de reparação.*

NOVIDADE LITTERARIA

Alfredo de Pratt**BOHEMIA DE COIMBRA**

(EPISODIOS DA VIDA ACADEMICA)

1 volume, 600 reis. A' venda em todas as livrarias.
Deposito geral—Imprensa Academica, Coimbra. Franco de porte.

Ourivesarias, Joalherias e Relojoarias

DE

M. MARTINS MARQUES SUCC.^{RES}

123, RUA DE SANTA CATHARINA, 131—PORTO

O sortimento é muito variado, havendo objectos muito lindos, proprios para presentes.

Casa de plena confiança.—Preços fixos.

Commercio Geral de Velocipedes

Unico deposito ao Norte de Portugal das celebres bicycletas

CLÉMENT

E OUTRAS AFAMADAS MARCAS, PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Agencia de MOTOCYCLES e AUTOMOVEIS

DOS PRINCIPAES CONSTRUCTORES FRANCEZES

João Garrido

CASA FUNDADA EM 1891

Completo sortido de accessorios VESTUARIOS CYCLISTAS

Excellent officina de reparações pessoal habilitadissimo.

MACHINAS francezas, inglezas, allemãs e americanas

PREÇOS EXCEPCIONAES

Rua de Passos Manoel, 16, 18 e 20

PORTO

FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

DE

PIMENTEL & QUEIROZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 127—PORTO

Sortido completo em velludos, sedas pretas, damascos e sedas para guarda-soes.

Grande variedade em guarda-soes para homem e senhora.
Preços convidativos.